

Hilda Hilst



BALADAS



EDITORA
GOBO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Baladas

Obras reunidas de Hilda Hilst
Organização e plano de edição:
Alcir Pécora

Prosa: A obscena senhora D/ Cartas de um sedutor/ Kadosh/ Contos d'escárnio. Textos grotescos/ Fluxo-floema/ Rútilos/ Tu não te moves de ti/ O caderno rosa de Lori Lamby/ Com os meus olhos de cão/ Estar sendo. Ter sido/ Cascos e carícias. Poesia: Júbilo, memória, noviciado da paixão/ Bufólicas/ Cantares/ Exercícios/ Da morte. Odes mínimas/ Baladas/ Do desejo/ Poemas malditos, gozosos e devotos.

Hilda Hilst

Baladas



Copyright © 2001 by Hilda Hilst

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo no 54, de 1995).

Estabelecimento de texto: Ricardo Lísias

Cronologia e bibliografias: Edson Costa Duarte
e José Luís Mora Fuentes

Revisão: Ricardo Jensen de Oliveira e Denise Padilha Lotito

Normatização das bibliografias: Ronald Polito

Capa: inc. design editorial

Foto de capa: Creative Collection - Freie Objekte 1

Foto de contracapa: © Eduardo Simões / Cadernos de Literatura Brasileira
/ Acervo do Instituto Moreira Salles

Produção para ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hilst, Hilda

Baladas / Hilda Hilst ; [organização e plano de edição Alcir Pécora]. – São Paulo :
Globo, 2003. – (Obras reunidas de Hilda Hilst)

Bibliografia

ISBN 978-85-250-5250-3

2950kb; ePUB

I. Poesia brasileira I. Pécora, Alcir.

II. Título. III. Série.

03-5152

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

Direitos de edição em língua portuguesa
adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo, SP
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Nota do organizador

Presságio

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

Balada de Alzira

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

II

III

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

Balada do Festival

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

Obras publicadas de Hilda Hilst

Bibliografía seleccionada sobre Hilda Hilst

Cronología

Nota do organizador

Baladas é o título dado por Hilda Hilst para este volume inédito, que reúne os seus três primeiros livros de poesia, escritos e publicados quando a autora mal entrava nos vinte anos: *Presságio – poemas primeiros*, de 1950, lançado pela *Revista dos Tribunais*, de São Paulo; *Balada de Alzira*, de 1951, saído originariamente pelas Edições Alarico, também de São Paulo; *Balada do festival*, de 1955, pelo *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro.

Poesia de juventude, portanto, mas não sem interesse, a começar pelas ilustrações das edições originais, a cargo de Darcy Penteado e Clóvis Graciano. Em sentido contrário, não creio que o interesse se deva à ideia de que, neste tríptico inicial, já se deixe adivinhar (como em botão) o extraordinário talento manifesto na posterior produção poética de Hilda Hilst. Esse tipo de história de trás para diante, projetada entretanto como “formação” ou, em versão piorada, como “antecipação” do-que-será no que ainda-não-era, é o modo costumeiro de explicar tudo, mas ao cabo é apenas história e teleologia; como hipótese ou análise de poesia, em geral não funciona, porque não é capaz de “mostrar” no discurso o que diz, ao passo que diz demais sobre o que estaria representado nele.

A questão, pois, a meu ver, é bem outra: *Baladas* tem interesse porque é mesmo poesia em direito pleno da idade, numa dicção informal e paradoxalmente

sentenciosa, muito verossímil nos vinte anos tumultuados por dúvidas e certezas demais. Por exemplo, são muitos os poemas simpáticos aos doidos e aos poetas, aos amargurados e amantes que tudo compreendem, incompreendidos; neles, respiram desejos ardidos, amores interditos, mantidos irrevelados – e, por causa disso, secretamente metamorfoseados em monstros. É claro que os monstros mais terríveis são as confissões não feitas que desbordam nas poesias.

Aqui, a determinação do gênero “balada” surge como outra pista desse interesse. Sabe-se que ele recobre formas poéticas muito diferentes no tempo: a mais antiga e comum refere simplesmente o poema a ser acompanhado por música, destinado ao baile, em geral dotado de várias estrofes e um estribilho. Há também a balada dita “romântica”, de gênero lírico-narrativo, com tema popular e lendário, à imitação das “canções de gesta” e, na Península Ibérica, dos “romances” medievais, espécies de poemas épicos para canto. Nas *Baladas* hiltianas aproveitam-se somente alguns poucos estribilhos e os ecos dos bailes e festas como cenário do poema: aí vagueia uma multidão de amigos e amigas, que trocam confidências e fadigas entre si, antes de partir no abismo do tempo. Um aspecto dessa amizade, que tem graça, é o confronto entre as garotas boas, “que não se lançam às vontades das marés”, e as más, que vivem “delírios noturnos” com “homens de passaporte na mão”,

sendo o lugar exclusivo e solitário da heroína aquele em que delírio e lucidez coincidem nos estigmas. Definitivamente pior do que elas todas, porém, é o mundo lá fora, desafinado e totalmente sem solução. Ao fim, as baladas cantam a vontade de morrer com flores entre os dedos e terra nas mãos do amado.

Ao juntar poemas confessionais, mulheres possessas, vagotônicas, e um desejo veemente de enlouquecer ou morrer publicamente, não seria má hipótese saber se *Her Kind*, de Anne Sexton, guarda algum parentesco com as *Baladas* de Hilda:

A woman like that is not ashamed to die.

I have been her kind.

Alcir Pécora

Professor de teoria literária na Unicamp

Presságio

Poemas
primeiros

Ilustrações de
Darcy Penteado

À minha mãe

Voltando (porque tua volta sinto-a num presságio) acenderei luzes na minha porta e falaremos só o necessário.

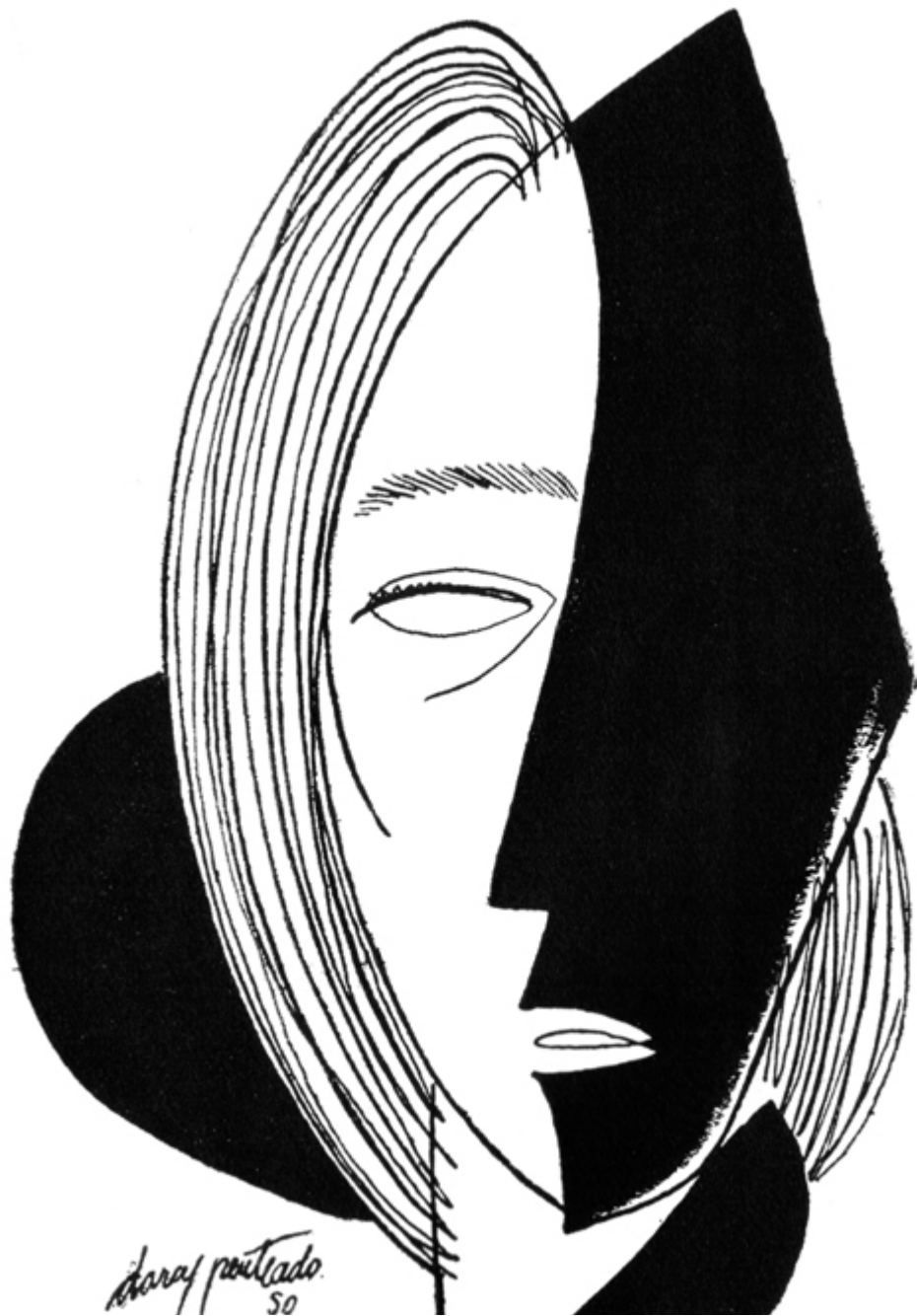
Terás pão e vinho sobre a mesa.

Virás acabrunhado (quem sabe) como o filho que retorna.

Nesse dia, a lamparina de teu quarto deixarás que fique acesa a noite inteira.

O amor sobrevive.

E seremos talvez amor e morte ao mesmo tempo.



Araya pintado
50

I

Stela, me perguntaram
se permaneces no tempo.
Se teu rosto de coral
e teus cabelos de pedra
ficarão indefinidos
no espaço, pedindo sol.

Ainda ontem te vi.
Olhar quase estagnado.
Descias azuis escadas
com aquele teu chale verde.
Aquele chale de Stela
parecia feito d'água:
verde aguado, verde aguado.

Debaixo dos teus dois braços
trazias rosas molhadas.

Aquelas rosas de Stela
e Stela me perguntando
se a morte é cousa que passa.

Stela, que desconsolo.
Não sabes onde termina
a aurora de tua presença.

No tempo, se é que existes,
só ficarás peregrina.

Como pesa: Stela e eu.

II

Me mataria em março
se te assemelhasse
às cousas perecíveis.
Mas não. Foste quase exato:
doçura, mansidão, amor, amigo.

Me mataria em março
se não fosse a saudade de ti
e a incerteza de descanso.
Se só eu sobrevivesse quase
nula,
inerte como o silêncio:
o verdadeiro silêncio de catedral
vazia,
sem santo, sem altar. Só eu
mesma.

E se não fosse verão,
e se não fosse o medo da
sombra,
e o medo da campa na
escuridão,
o medo de que por sobre mim
surgissem plantas e enterrassem
suas raízes nos meus dedos.

Me mataria em março
se o medo fosse amor.
Se março, junho.

III

Gostaria de encontrar-te.

Falar das cousas
que já estão perdidas.

Tuas mãos trementes
se desmanchariam
na sonoridade
dos meus ditos.

Faria de teus olhos
luz,
de tua boca
um eco.

Nos teus ouvidos
eu falaria de amigos.

Quem sabe se amarias escutar-
me.

IV

Brotaram flores
nos meus pés.
E o quotidiano
na minha vida
complicou-se.

Diferença triste
aborrecendo o andar
de minhas horas.
Rosa Maria
tem flores na cabeça.
Maria Rosa as leva no vestido.
E esse nascer de flores
nos meus pés,
atrai olhares de espanto.

Ainda ontem
me vieram dizer
se eu as vendia.
Meus pés iriam
com flores andar
sobre o teu silêncio.
Tua vida
no meu caminho,
na caminhada grotesca

daqueles meus pés floridos.

De tanto serem zombadas
morreram adolescentes.
Pobres pés, pobres flores.
Murcharam ontem,
hoje secaram.

E o quotidiano
na minha vida
complicou-se.



V

Amargura no dia
amargura nas horas,
amargura no céu
depois da chuva,
amargura nas tuas mãos

amargura em todos os teus
gestos.

Só não existe amargura
onde não existe o ser.

Estão sendo atropelados
em seus caminhos,
os que nada mais têm a
encontrar.

Os que sentiram amargura de fel
escorrendo da boca,
os que tiveram os lábios
macerados de amor.

Estão terrivelmente sozinhos
os doidos, os tristes, os poetas.

Só não morro de amargura
porque nem mais morrer eu sei.

VI

Água esparramada em cristal,
buraco de concha,
segredarei em teus ouvidos
os meus tormentos.

Apareceu qualquer coisa
em minha vida toda cinza,
embaçada, como água
esparramada em cristal.

Ritmo colorido
dos meus dias de espera,
duas, três, quatro horas,
e os teus ouvidos
eram buracos de concha,
retorcidos
no desespero de não querer
ouvir.

Me fizeram de pedra
quando eu queria
ser feita de amor.

VII

Maria anda como eu:
Impossibilitada de fazer
tudo o que quer.

Tem mãos amarradas,
ar de doente, olhar de demente,
cansada.

Maria vai acabar como eu:
covarde nas decisões,
amante das cousas indefinidas
e querendo compreender
suicidas.

Maria vai acabar assim sem
rumo,
andando por aí,
fazendo versos
e tendo acessos
nostálgicos.

Maria vai acabar
bem tristemente.
De qualquer jeito,
lendo jornais,

tendo marido
indefinido.

(Não sei por que Maria
quer compreender
muito, demais,
a vida do suicida.
E Maria vai acabar
se fartando da vida.)

A vida, coitada,
é camarada, gosta de Maria,
quer fazer Maria viver mais,
porque Maria é desgraçada.
Quer deixá-la para o fim,
assim à mostra,
e eu francamente não entendo
por que Maria não gosta
da vida.



VIII

Canção do mundo
perdida na tua boca.

Canção das mãos
que ficaram na minha cabeça.

Eram tuas e pareciam asas.

Pareciam asas
que há muito quisessem
repousar.

Canção indefinida
feita na solidão
de todos os solitários.

Os homens de bem
me perguntaram
o que foi feito da vida.

Ela está parada.
Angustiadamente parada.

O que foi feito
da ternura dos que amaram...

Ficou na minha cabeça,
nas tuas mãos que pareciam
asas.

Que pareciam asas.

IX

Colapso hibernal
das cousas ausentes.
Desfila diante de mim
o teu olhar parado.
Na minha frente
há figuras de mortos
tecendo roupas brancas,
e na tua vida
há qualquer coisa de triste
que não foi contado.

Coragem de viver os dias
sem falar de loucos
quando há qualquer louco
no infinito,
pedindo uma lembrança
e contei os seus dias de vida
nos meus sonhos.

Existe um deus qualquer
nas minhas entranhas.

Pobre loucura
atrofiando o amor da amada.
Teu pobre olhar

atrofiou minha vida inteira.

X

Olhamos eternamente
para as estrelas
como mendigos
que eternamente
olham para as mãos.

E imaginamos
cousas absurdas
de realização.
Cousas que não existem
e cujo valor
é o de consistirem
parte da ilusão.

E olhamos eternamente
para as estrelas
porque parecem diferentes.
E quando agrupadas
eu as revejo individualizadas.
Estrelas... só.
Quem sabe se naquela
imensidão
elas sofrem o mal dissolvente,
passivo,
mas dissolvente ainda: solidão.

Brilham para o mundo.
No entanto estão sozinhas
na lúgubre fantasia de pontas.

Nunca, meditem,
nunca as encontraremos
pois elas olham
igualmente para nós
e nos desejam
porque estão sós.



XI

Quando terra e flores
eu sentir sobre o meu corpo,
gostaria de ter ao meu lado tuas
mãos.

E depois, guardar meus olhos
dentro delas.

XII

Dia doze... e eu não suportarei
o estado normal das coisas.
O ano que vem, não vou desejar
felicidades a ninguém.

Nem bom natal, nem boas
entradas.

Meus amigos sabem de tudo o
que eu sei.

E continuam a viver sem
interrupção,
apressadamente como no ato do
amor.

São doidos e não percebem que
amanhã

Cristina não virá.

Que amanhã Cristina vai morrer
porque ama a vida.

Amanhã serei corajosamente
Cristina.

Eu, amando todos os que
sofrem.

Eu... essência.

Mas os meus amigos, coitados,
não percebem.

Fazem filhos nascer, fazem
tragédia.

Não sabem que o amor não é
amor

e a natureza é um mito.

Não sabem de nada os meus
amigos.

E não vou explicar
porque podem ficar sentidos.

São puros, vão morrer como
anjos.

Vão morrer sem nada saber
daqueles dias perdidos.

Vão morrer sem saber que estão
morrendo.

XIII

Me falaram de um deus.
Eu chorava na quietude
dos dias sós.

A irmã morta sorria
o riso pálido dos santos.

Me falaram de um deus.
Deus em branco.
Deus que faz de flores, pedras.
E de pedras, compreensão.

Deus amargurado.
Chora e geme
na quietude dos dias sós.

Consolo.

XIV

Fui monja
vestida de negro
em labirinto azul.

Antes do Ser
havia um homem
consciente
destruindo o lirismo
descuidado
das minhas madrugadas.

Estava presente
nas conversas dos bares
– solitárias histórias.
Estava presente
na fusão dos homens medíocres
e dos homens sem cor.

Em azul e negro
eu vi o esboço
de um caso triste,
aquele doido
procurando as mãos.
As mãos que deixara
sobre alguma mesa

de mármore azulado
em algum labirinto azul.

Andei tanto por corredores
vazios

que nas minhas chagas
não existem pés.

Inconsciente monja vestida de
negro,

teus cabelos eram feitos de
conchas,

teu véu de redes do mar.

Entre os dedos tinhas contas
coloridas.

Mas, havia um homem
consciente

destruindo o lirismo

das tuas madrugadas.

Morreu o mundo das monjas.

Morreu o mundo das mãos.

Sou doida desfigurada

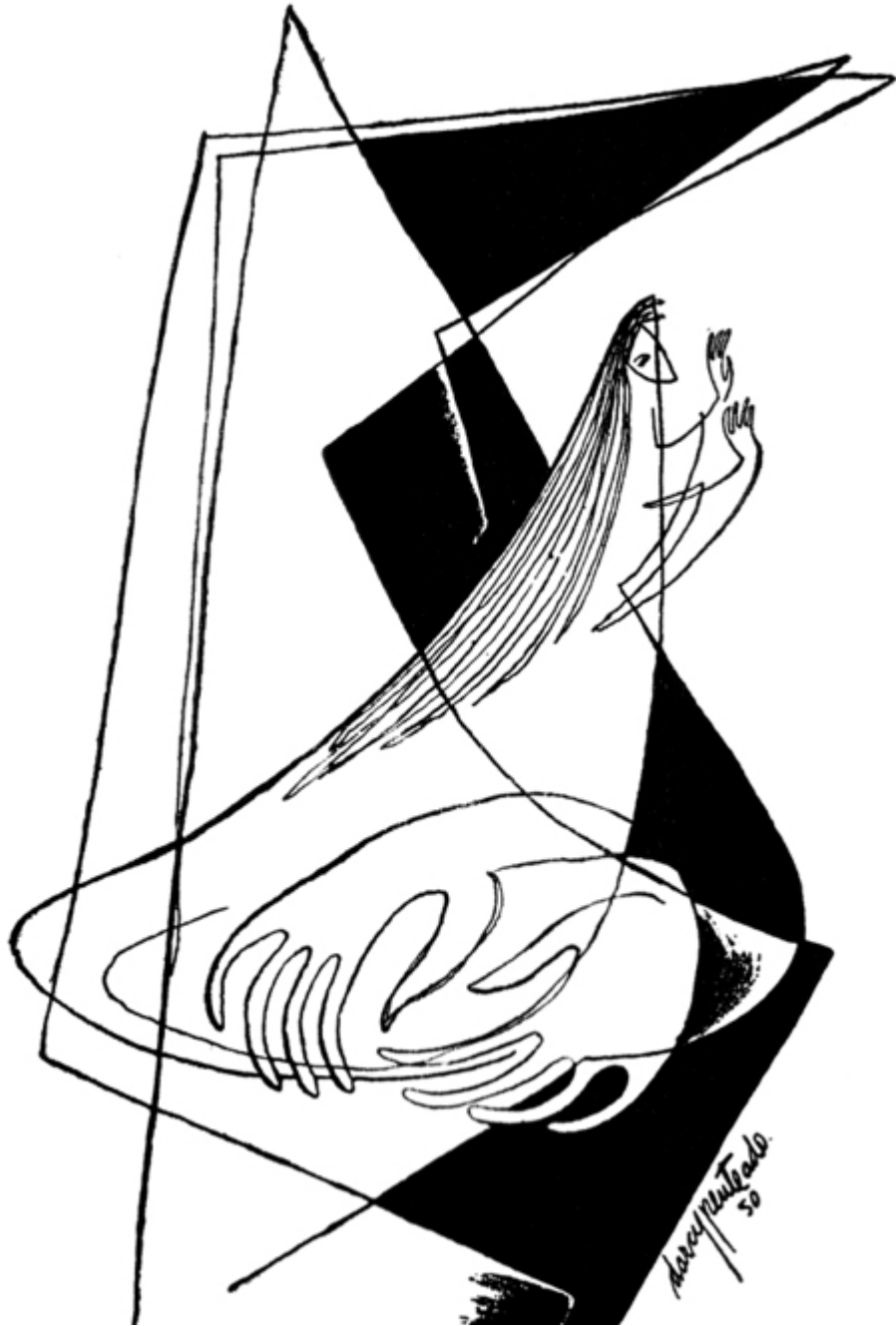
procurando mãos

mergulhadas em azul.

Sou quase morta

no descanso estéril

da cor negra.



XV

À Gisela

Amiga, muito amiga.
Tristemente pensei nesses teus olhos tão
tristes.
Os homens não mais te compreendem.
A vida, tu mesma compreendeste muito.
O teu grande desejo de cousas novas
desapareceu no rol das cousas velhas.
O teu amor por ele transformou-se
em amor maior: amor por tudo o que se
extingue. Nunca foste tão verdadeira
como nestes últimos dias de corajosa
submissão.
Se a morte não te amedronta,
acaba placidamente, sem dizer adeus
aos teus amigos, acaba sem preparação para
o final, acaba sem melancolia, acaba sem dó.

E depois... acaba assim: na convicção
de que se não findasses por resolução,
a vida faria de ti, ó doce amiga,
refúgio dos que não mais se entusiasмам,
apoio dos homens solitários.

Hoje e só hoje, pensa com alegria no amor,
pensa que as árvores estão todas em flor:
azuis,

amarelas, vermelhas. Pensa que vais acabar
no desespero de um dia de sol...
Pensa naqueles que não são e nunca hão de
ser
o que és agora.

Acaba depois sem um soluço, sem tragédia,
sem dizer adeus aos teus amigos,
acaba... só.

XVI

Tenho preguiça
pelos filhos que vão nascer.

Teremos que explicar
tanta coisa a tantos deles.
Um dia hão de me perguntar
tudo o que perguntei:
Mãe, por que não posso
ver Augusto quando quero?
Mãe, andei lendo muito esses
dias
e estou quase chegando
a encontrar o que eu queria.

Inutilidade das palavras.

Tenho preguiça,
tanta preguiça
pelos filhos que vão nascer.
Dez, vinte, trinta anos
e estarão procurando alguma
coisa.
Nunca se lembrarão
daqueles que já morreram
e procuraram tanto.

Vão custar (ó deuses)
a entender aqueles
que se mataram.

Os filhos que vão nascer,
coitados!
Hão de pensar que são eles
os destinados.
Hão de pensar que você
nunca passou o que eles estão
passando.

Os filhos que vão nascer...

Insatisfeitos.
Incompreendidos.

XVII

Todos irão sempre contra ti
porque tens pureza.

Porque o agitado de tuas mãos
é quase nostálgico.

Porque teus olhos
ficarão abertos
para quem os viu
uma única vez.

Todos irão sempre contra ti
porque hás de querer
um mundo novo e diferente.
Porque és estranho
e diferente para o nosso mundo.

És quase um louco
porque não dás atenção
à toda gente.

Dirão que és poeta.
Porque a poesia aparece nos
teus gestos

como aparece fé na oração de
um crente.

Amaste quase todas as
mulheres.

Mas o amor agora é tão difícil.

Não existes para mim.

Mas agitado, febril,
quase doente, és vivo...

Vivo demais para viver conosco.



XVIII

Ah, ternura dos dias
que prometiam alguma coisa.
Ah, noites que esperavam vida.

Disseste que o mundo
dificulta o caminho dos bons
e que pesa tanto nos teus
ombros
o estandarte do amor.

Tua vida consumiu-se
num sonho de adolescente.
Teus olhos há muito
não dizem nada
e simulam mistério
quando sorris.

Sabes alguma coisa
além dos homens.

Soubesses ao menos
a eterna escuridão
dos que procuram luz.

XIX

As mães não querem mais filhos
poetas.

A esterilidade dos poemas.
A vida velha que vivemos.
Os homens que nos esperam
sem versos.
O amor que não chega.
As horas que não dormimos.
A ilusão que não temos.

As mães não querem mais filhos
poetas.

Deram o grito
desesperado
das mães do mundo.

XX

Antes soubesse eu
o que fazer com estrelas na mão.
Se dilacerar-lhes a ponta
ou simplesmente não tocá-las.
Se estão perto cegam meus
olhos.
Se estão longe as desejo.

Antes soubesse eu
o que fazer com estrelas na mão.

XXI

Estou viva.
Mas a morte é música.
A vida, dissonância.
Minha alegria é como
fim de outono porque
tive nas mãos ainda flores
mas flores estriadas de sangue.

Há cristais coloridos
nos teus olhos.
Vida viva nos teus dedos.

Estou morta.
Mas a morte é amor.

Não fiz o crime dos filhos
mas sonhei bonecos quebrados
sonhei bonecos chorando.

Alguns dias mais
e serei música.
Serás ao meu lado
a nota dissonante.

Balada de Alzira

Ilustrações de
Clovis Graciano

A meu pai

*Somos iguais à morte. Ignorados e puros.
E bem depois (o cansaço brotando nas asas)
seremos pássaros brancos à procura de um deus.*



I

Eu cantarei os humildes
os de língua travada
e olhos cegos
aqueles a quem o amor feriu
sem derrubar.

Cantarei o gesto
dos que pedem e não alcançam
a resignação dos santos
o sorriso velado e inútil
dos homens conformados.

Eu cantarei os humildes
o homem sem amigos
o amante sem esperança
de retorno.

Cantarei o grito
de escuta universal
e de mistério nunca desvendado.
Serei o caminho
a boca aberta
os braços em cruz
a forma.

Para mim
virão os homens desconhecidos.

II

*De tudo ficou um pouco
Do meu medo. Do teu asco*
(C. Drummond de
Andrade)

O que ficou de mim
além de eu mesma
não o sei.
Nem o digas às crianças
porque no que ficou
a palavra de amor
está partida

imperceptível sombra
de flor no ramo frágil.

Nem o digas aos homens
Era o rio
e antes do rio havia areia.
Era praia
e depois da praia havia o mar.
Era amigo
ah! e se tivesse existido
quem sabe ficava eterno.

Nada ficou de mim
além de eu mesma.
Tênuê vontade de poesia
e mesmo isso

imperceptível sombra
de flor no ramo frágil.

III

Naquele momento
o riso acabou
e veio o espanto
e do meu choro
o desentendimento
e das mãos unidas
veio o tremor dos dedos
e da vontade de vida
veio o medo.

Naquele momento
veio de ti o silêncio
e o pranto de todos os homens
brotou nos teus olhos
translúcidos
e os meus se afastaram dos teus
e dos braços compridos
veio o curto adeus.

Naquele momento
o mundo parou
e das distâncias
vieram águas
e o barulho do mar.
E do amor
veio o grande sofrimento.

E nada restou
das infinitas coisas pressentidas
das promessas em chama.
Nada.



IV

Ah! Se ao menos em ti
eu não me dissolvesse.
E se ao menos contigo
ficar pouco de mim
lembrança de algum dia
ou meu nome guardar
um momento de sol...

Se ao menos existisse
em nós a eternidade.

V

Acreditariam
se eu dissesse aos homens
que nascemos

tristemente humanos
e morremos flor?

Acreditariam
que a presença é ausente
quando o olhar se perde
nas alturas?

Acreditariam
ser a nossa vida
vontade consciente
de não ser?

E ser luz e estrela
água, flor.

VI

a um amigo

Estás ausente.
Mas há no amor
como que eterna
sobrevivência.
É como rosa
que não se corta
e nem se colhe
pela manhã.

Estás ausente.
Mas este amor
é bem aquele
feito de estrelas
que persistiram
até que o dia
se aproximasse.

Estás ausente.
Vivo e perene
nestes abismos
do pensamento.

VII

Restou um nome de bruma
no meu eterno cansaço.

Restou um tédio de cinza
no meu todo de silêncio.

Tanta tristeza no meu sono
imenso...

VIII

à Gisela

O poema não vem.
E quando vem é falho,
impreciso.
Este canto sem nome
é um apelo
aos homens à escuta
e às mulheres.

Há tempos que sua ausência
ronda os caminhos do sono
envolve-se igual à rede
no mistério de minha vida.

Boiavam antes os peixes
à tona do pensamento.

Havia estrelas do mar
no fundo dos castiçais.

II

Manhã raiada ou soluço
perdido na madrugada,
transformado em folha, fruto,
brotando igual à palmeira
em terra sem tradição
mesmo assim,
tragam esta poesia
que é preciso falar
da amiga que se indo embora
demora até voltar.
E deste amor de pensá-la
sem revê-la
nascerá o meu canto
mais sentido
que o cantar dos amantes
satisfeitos.

III

Homens distantes do mundo
sucumbidos pelo sonho,
dia virá em que as naus
estarão sem nenhum porto
e as velas sem direção.
Nem haverá uma estrela
buscando o brilho de outrora
e sem ela algum poeta
fazendo um último apelo:

– Procurem o poema virgem.
Manhã raiada ou soluço
perdido na madrugada...

IX

POEMA DO FIM

A morte surgiu
intocável e pura.
Depois, teu corpo se alongou
inteiro sobre as águas.
Dos teus dedos compridos
estouraram flores
e ficaram árvores
ao sol.

Escorreguei meus braços
no teu peito sem queixa
e cobri meu corpo
com teu corpo de espuma.

.....

Ainda ontem
os homens colheram rosas
que nasceram de nós.



X

Brilhou um medo incontido
na tua face de luz.
E teu amor resguardou-se
e silenciou.

Quis esconder os meus dedos
nos teus cabelos de mágoa
mas a tua mágoa era grande
para fugir no meu gesto.

Agora o amor é inútil
e inútil o meu consolo.
Estamos sós.

Entre o teu amor
e o meu afago,
aquele triste mundo de certezas.

XI

Amado, quando morreres
mil estrelas cor de sangue
virão recobrir-te o peito.
Uma delas ficará
perdida por entre os dedos.
À outra tu contarás
o livro que não fizeste
reza que não aprendeste
e vontade que tiveste
de ver amigo chorando
chorando por causa tua.

E todos hão de notar
água clara nos teus olhos
e sombra nos teus cabelos
e pena que vai crescer
no teu coração de luto.

Pena desses que ficaram
consumidos na incerteza
ou pena daquela amante
que nunca soube dizer
o que sonharas ouvir.

Os homens hão de chorar

no teu momento de morte.
Porque dirás às estrelas
todas as coisas caladas
que só a mim revelaste.

XII

O teu gesto de alegria
nunca será para mim.

O teu conflito noturno
este sim
pousará na minha face.

XIII

Existe sempre o mar
sepultando pássaros
renovando soluços
rompendo gestos.

Existe sempre uma partida
começando em ti
tomando forma
e sumindo contigo.

Existe sempre um amigo perdido
um encontro desfeito
e ameaços de pranto na retina.

Existe um canto de glória
iniciado nunca
mas guardado no meu peito
dissolvendo a memória.

E além da canção incontida
do teu amor ausente
além da irrevelada amargura
desta espera
existe sempre a terra
desfazendo

as vontades primeiras de Existir.

XIV

Há no meu mundo
gesto de luto
que me adivinha
muro de pedra
se intercalando
no meu caminho
como uma sombra
de amargura
tomando forma
quase serena
e inconsolável
de criatura.

Há desconsolo
permanecendo
nos meus prelúdios
de alegria.
Só tenho a ti
mas tão distante
que não me ouves.
Chamo e pergunto
se não me queres
mas o teu grito
de assentimento
chega cansado

ao meu ouvido
e assim cansado
desaparece
como um lamento.

Meu muito amado
bem o quisera
que esta vontade
que se avoluma
no pensamento
se fosse embora.

Bem o quisera.

XV

*a Carlos Drummond de
Andrade*

A rosa do amor
perdi-a nas águas.

Manchei meus dedos de luta
naquela haste de espinho.
E no entanto a perdi.
Os tristes me perguntaram
se ela foi vida p'ra mim.
Os doidos nada disseram
pois sabiam que até hoje
os homens
dela jamais se apossaram.

Ficou um resto de queixa
na minha boca oprimida.
Ficou gemido de morte
na mão que a deixou cair.

A rosa do amor
perdi-a nas águas.
Depois me perdi
no coração de amigos.

XVI

O que nós vemos das coisas são as coisas.
(Fernando Pessoa)

As coisas não existem.
O que existe é a ideia
melancólica e suave

que fazemos das coisas.

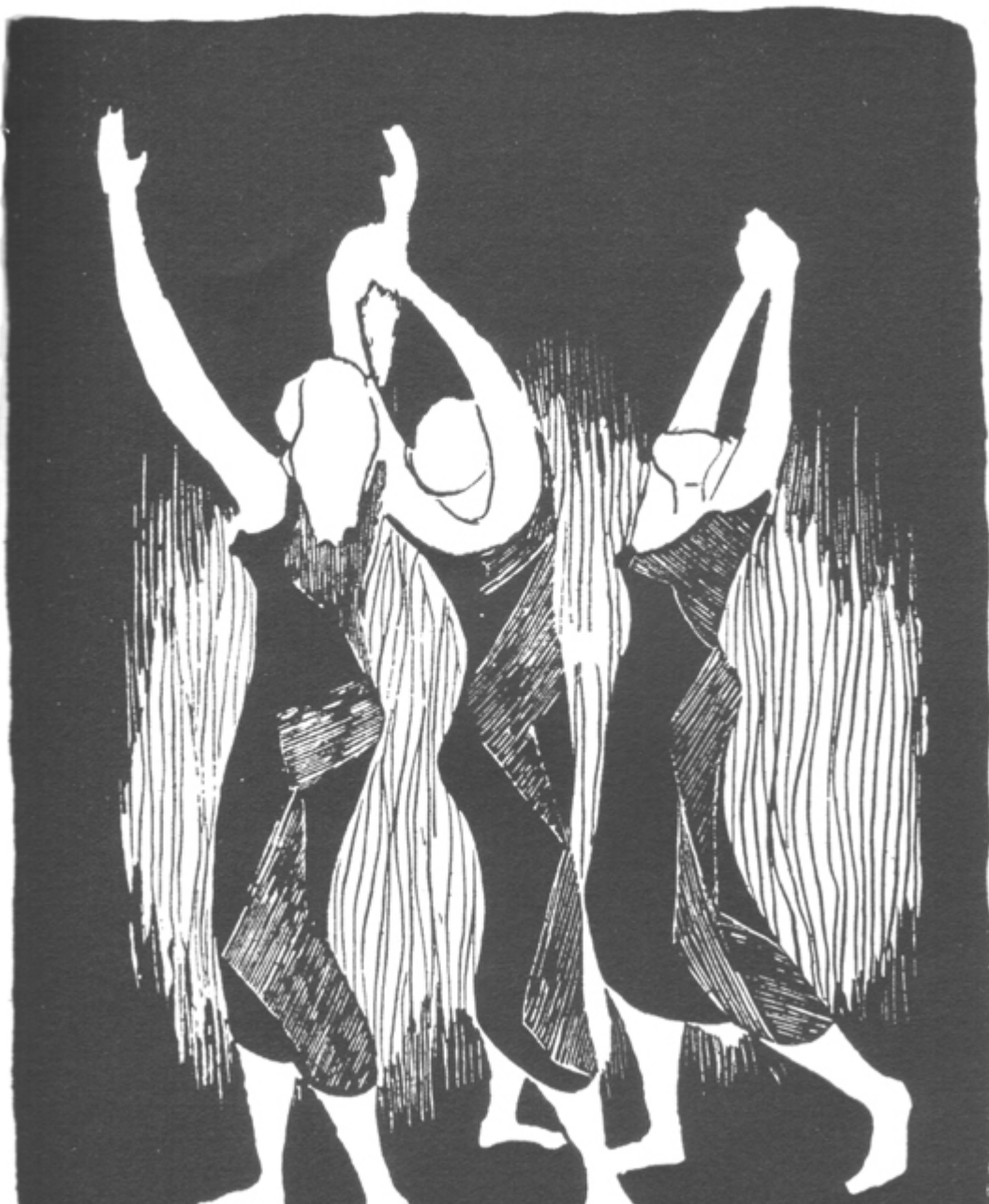
A mesa de escrever é feita de
amor
e de submissão.
No entanto
ninguém a vê
como eu a vejo.
Para os homens
é feita de madeira
e coberta de tinta.
Para mim também
mas a madeira
somente lhe protege o interior
e o interior é humano.

Os livros são criaturas.
Cada página um ano de vida,

cada leitura um pouco de alegria
e esta alegria
é igual ao consolo dos homens
quando permanecemos
inquietaos
em resposta às suas inquietudes.

As coisas não existem.
A ideia, sim.

A ideia é infinita
igual ao sonho das crianças.



XVII

BALADA DE ALZIRA

O homem que não foi meu
um dia será de Alzira.
E passará os seus dedos
sobre suas pernas de virgem
e contará o segredo
daquele olhar de menina.
Amado, bem o sabia
que os meus delírios noturnos
nunca te resguardariam
do sabor dos frutos novos.
Os homens querem Alzira
e os escondidos dos mares
e as conchas que não se lançam
às vontades das marés.
Há muito que pressentia
teu gesto de retirada
(como a noite espera o dia
mergulhada no silêncio)
Alzira, menina pura
teu corpo feito de lírios
assustava aquele meu
maduro e já sem vontade
de lutas e de emboscadas.

.....
.

O homem que não foi meu
(porque me deu estertores
que à outra seriam dados)
em tardes de fevereiro
Alzira levou p'ra longe.

.....
.

Aquela menina pura
ficou pétala fendida
flor com mil olhos de água
espantados e noturnos.

Alzira soluço brando
e face tão misteriosa
que pena tenho guardada
por te saber corrompida.

Balada do festival

*Ao meu irmão
a Lygia e Goffredo*

Não falemos.
E que as vontades primeiras
permaneçam
gigantescas e disformes
sem caminho nenhum
para o mundo dos homens.

I

Corpo de argila
meu triste corpo
não é verdade

se te disserem
minha elegia
ser mais vaidade
do que homenagem.

Por que o seria?
Me adivinhaste
quando a palavra
nada dizia

e longo tempo
(quando se amava)
havia dias
em que choravas

e estremecias.

Falam de ti.
Da tua pouca
fidelidade.

Mas o que importa
a infinidade
dos teus amantes
se toda vez
que te entregavas
extenuado

te perdias.
Ah, se a poesia
me permitisse
voos mais altos

mesmo na morte
as confidências
que eu te faria...

Ainda me tens.
E bem por isso
destila em mim
teu peso enorme.

E no poema
que te dedico

meu triste corpo
ainda uma vez
chora comigo

chora comigo.

II

a Fernando Lemos

Já não sei mais o amor
e também não sei mais nada.
Amei os homens do dia
suaves e decentes sportistas.
Amei os homens da noite
poetas melancólicos, tomistas,
críticos de arte e os nada.

Agora quero um amigo.
E nesta noite sem fim
confiar-lhe o meu desejo
o meu gesto e a lua nova

Os que estão perto de mim
não me veem... Estende a tua
mão.

Ficaremos sós e olhos abertos
para a imensidão do nada.

III

Haste pensativa e débil
da rosa que tenho na memória.
Te pareces comigo na efêmera
vontade
de ser mais vida e menos morte.
Só nos falta o amor. Grande.
Sem mácula.
O poema infinito para mim,
a eternidade para a tua rosa.

IV

a Vinicius de Moraes

Na hora da minha morte
estarão ao meu lado mais
homens
infinitamente mais homens que
mulheres.

(Porque fui mais amante que
amiga)

Sem dúvida dirão as coisas que
não fui.

Ou então com grande
generosidade:

Não era mau poeta a pequena
Hilda.

Terei rosas no corpo, nas mãos,
nos pés.

Sei disso porque fiz um pedido
piegas

à minha mãe: “Quero ter rosas
comigo

na hora da minha morte”.

E haverá rosas,

São todos tão delicados
tão delicados...

Na hora da minha morte
estarão ao meu lado mais
homens
infinitamente mais homens que
mulheres.

E um deles, dirá um poema
sinistro
a jeito de balada em tom
menor...

Tem tanto medo da terra
a moça que hoje se enterra.
Fez poema, fez soneto
muito mais meu do que dela.
Lá, lá, ri, lá, lá, lá, lá.

V

Maior que o meu sonho de
viagem

é o amor que te tenho muito
amado.

Maior que o meu canto
só o filho nascido da ternura
e este... existe em mim. Perplexo
e esplendoroso filho do amor.

VI

Nada mais tenho
na memória
rosa dos ventos
transitória
onde estarás
depois de todo
o meu tormento...

Hás de ficar
tão só, tão só
no pensamento
e depois dele
o que restar
sal e areia
esquecimento
há de voltar
para o teu sono
secular.

Rosa dos ventos
eu te imagino
viagem, navio.

Mas o que há
é o sofrimento

de ver o rio
o rio, o rio
(pobre de mim)
e nunca o mar...

VII

Inadvertida rosa.
Quis avisar-te
do roteiro sem fim
das urzes e da ventania.
(Já era tarde quando
pensei em procurar-te.
De nada adiantaria.)

Deixaste a terra
que te alimentava
e o lírio. Te lembras?
Aquele que aos teus pés crescia.
Nada somos sem ti.
No entanto, espera.
Na tua volta
deixarão que eu fale
porque sou poeta. E te direi...

estrela inédita
na vastíssima escuridão
que me contorna. Surgiste.

VIII

BALADA PRÉ-NUPCIAL

Menina, nunca na vida
vi coisa igual a tua boca
nem nunca meus olhos viram
teu corpo e tua carne moça.
Deixa que eu sinta a beleza
de tuas coisas escondidas.

E o cravo desabrochado
se expandia, se expandia...

Deixa meu peito ondular-se
nas tuas pernas de repente
permitidas. E prometo...
prometo mares e mundos
e te imagino subindo
as escadas de uma igreja
nós dois as mãos enlaçadas
nossa culpa redimida.
Deixa menina que eu diga
aquela palavra louca
no teu ouvido... Não ouças!
mas deixa, porque no amor
as palavras se transformam

e têm um outro sentido.
Me abraça e morre comigo.

E as duas coisas se chocaram
na mesma doida investida...
Soluço que não se ouvia
(espaçado e comovido)
e o cravo que se expandia
foi se abrindo, foi se abrindo
em choro, promessa e dor,
florindo o filho do medo
muito mais medo que amor.

IX

Amado, não tão meu
mas tão amado e em noite
se transformando. Tua voz
rumor de coisas pressagas.

Amo-te tanto. Poeta
já não sou. Nem mesmo
amante.
Na minha estrela sem luz

existe um medo maior
que o de perder-te. Te amar
presentindo e renascendo

áspera rocha... fonte...

X

CANÇÃOZINHA TRISTE

E fiz de tudo...
Fui autêntica, durante algum
tempo.
Fui inquietude e fragilidade.
Brilhei em roda de amigos.
Pratiquei o esporte com
violência
e uma vez (trágica melancolia!)
nadei com aparente
desenvoltura
(peito arfante e dilacerado)
mil metros na butterfly...
Fui amante, amiga, irmã,
sorri quando ele me disse coisas
amargas...

E nada o comove.
Nada o espanta.
E ele mente
e mente amor
como as crianças mentem.

XI

Tenho pena
das mulheres que riem com os
braços
e choram de mentira para os
homens.
E descobrem o seio antes do
convite
e morrem no prazer... olhos
fechados.

Tenho pena
do poeta feito para só ser pai... e
ser poeta.
E daqueles que dormem sobre o
papel
à espera do vocábulo
e dos que fazem filhos por acaso
e dos doidos e do cão que passa

e de mim... que espero a morte
na confusão e no medo.

XII

Serena face
distanciando
o meu desejo.
Tão longe estás
que já nem sei
o que te assombra
alga ou areia
mar ou lampejo
de desencanto.

A minha boca
emudeceu.
Se retornando
não a encontrares
pensa no amor
chama e soluço
que se perdeu.

Solto os cabelos
e fico à espera.

Mas sobre mim
como na morte
crescem as heras.

XIII

Amadíssimo, não fales.

A palavra dos homens
desencanta.

Antes os teus olhos de prata
na noite espessa do teu rosto.

Antes o teu gesto de amor

espera de infinito e de
murmúrio,

água escorrendo da fonte,
espuma de mar.

Depois, descansarás em meu
peito

as tuas mãos de sol. O vento de
amanhã

sepultará em meu ventre

cálido como areia, fecundo
como o mar,

a semente da vida.

Ouve: só o pranto

grita agora em meus ouvidos.

XIV

BALADA DO FESTIVAL

Na verdade apareceu
vindo de terras distantes
um homem quase poeta
que me amou e que se deu
a mim e a outras também.
E dizia ao telefone
coisas tão ternas, tão tudo,
que só de ouvi-lo e esperá-lo
muita mulher se perdeu.
Muita mulher... também eu.
Amei-o naquela pressa
de horas marcadas e hotéis...
dentro de mim a promessa
de amá-lo ainda que fosse
na velha China, nos mares,
dentro de algum avião.
E quando ele me chamava
eu toda vagotonia
ia e vinha e pressentia
o homem que me fugia
de passaporte na mão.

Agora estou tão cansada

perdi-me na confusão
de ser amante e amada.
Se ainda vou procurá-lo
em Paris ou em Viena
não me perguntem, amigos,
que eu faço um olhar tão triste
tão triste de fazer pena...
Na verdade apareceu
vindo de terras distantes
um homem asas e Orfeu.

XV

Haverá sempre o medo
e o escondido pranto
no meu canto de amor.

Dos homens e da morte
mais noite que auroras
em verso e pensamento
concebi. Nas crianças
amei os olhos e o riso
o clamor sem ouvido
o medo, o medo, o medo.

Se a fantasia
aproximar de mim
a tua presença,
fica. A teu lado,
serei amante sem desejo:
Pássaro sem asa.
Submerso leito.

XVI

Há uma paisagem sem cor
dentro de mim.

Vejo-a tão perto e tão
esplêndida...

súbita luz, nave dourada,
espelho,
e transformando-se em névoa
intacta submerge.

Sem dúvida, meu amigo, a ilha
seria o nosso porto.

E depois dela viria o monólogo
e a certeza das coisas
impossíveis.

XVII

a Luiz Hilst

O poema se desfaz. Bem sei.
E aos poucos morre.
Se o gênio do poeta conseguisse
a palavra com sabor de
eternidade.
Dizer da amiga que se foi
e abria os olhos noturnos sem
vontade.
Dizer do amante alguma coisa a
mais
além da espera.
Dizer da mãe, ó amadíssima,
tudo o que a boca não diz
e que se perde.

Tão sós estão os homens e a
palavra.
Por que não haverá um outro
mundo
sem ruído nem boca,
mudo, esplendidamente mudo?

XVIII

BALADA DO CONDENADO À MORTE

Nossa Senhora das Trevas!
Nossa Senhora de Tudo!
Presos na minha garganta
a palavra e o soluço.
Mais um minuto, depois
a dor, o vazio, o escuro.
Tenho medo, minha mãe...
olhar de pedra dos homens
descontrole de meus braços
meu peito que esmaga e arde.
Nossa Senhora das Trevas!
– Ah, meu filho, agora é tarde...

– Um dia me leva, pai,
pra ver o mar e o navio?
Meu filho triste e pequeno,
tem pena de mim, perdoa
as coisas que nunca dei.
Ah, minha mãe, sinto o gosto
de sangue na minha boca
e perto de mim a morte
é silêncio, desespero,
e se não fosse verdade...

Tenho medo, tenho medo...
Meu peito me esmaga e arde
Nossa Senhora das Trevas!
– Ah, meu filho, agora é tarde...
Nossa Senhora de Tudo!
Senhora dos Condenados!

XIX

Nada de novo tenho a dizer-vos.
E se tivesse também não vos
diria.

Os versos são prodígios
escondidos
da minha fantasia.

Hão de ficar assim. Solenes.
Mudos.

E por que não?

Quem alguma vez os leu
com o mesmo amor
com que os escrevi

e na mesma solidão...

XX

Nós, poetas e amantes
o que sabemos do amor?
Temos o espanto na retina
diante da morte e da beleza.
Somos humanos e frágeis
mas antes de tudo, nós.

Somos inimigos.
Inimigos com muralhas
de sombra sobre os ombros.
E sonhamos. Às vezes
damos as mãos àqueles
que estão chorando.
(os que nunca choraram por
nós)

Ah, meus irmãos e irmãs...
Ai daqueles que nos amam
e que por amor de nós se
perdem.
Ah, pudéssemos amar um
homem
ou uma mulher ou uma coisa...
Mas diante de nós, o tempo

se consome, desaparece e não
para.

Ouvi: que vossos olhos se
inundem

de pranto e água de todo o
mundo!

Somos humanos e frágeis
mas antes de tudo, sós.

Obras publicadas de Hilda Hilst

Poesia

Presságio. Ilustrações de Darci Penteado. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1950.

Balada de Alzira. Ilustrações de Clóvis Graciano. São Paulo: Edições Alarico, 1951.

Balada do festival. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1955.

Roteiro do silêncio. São Paulo: Anhambi, 1959.

Trovas de muito amor para um amado senhor. Prefácio de Jorge de Sena. São Paulo: Anhambi, 1960.

Ode fragmentária. Capa de Fernando Lemos. São Paulo: Anhambi, 1961.

Sete cantos do poeta para o anjo. Ilustrações de Wesley Duke Lee. Prefácio de Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Massao Ohno, 1962.

Poesia (1959/1967). São Paulo: Sal, 1967.

Júbilo, memória, noviciado da paixão. Capa e ilustrações de Anésia Pacheco Chaves. São Paulo: Massao Ohno, 1974.

Da morte. Odes mínimas. Ilustrações de Hilda Hilst. São Paulo: Massao Ohno/Roswitha Kempf, 1980.

Poesia (1959/1979). Capa de Canton Jr.; ilustração de Bastico. São Paulo: Quíron/INL, 1980.

Cantares de perda e predileção. Capa de Olga Bilenky. São Paulo: Massao Ohno/M. Lydia Pires e Albuquerque, 1983.

Poemas malditos, gozosos e devotos. Capa de Tomie Ohtake. Prefácio de Leo Gilson Ribeiro. São Paulo: Massao Ohno/Ismael Guarnelli, 1984.

Sobre a tua grande face. Capa de Kazuo Wakabayashi. São Paulo: Massao Ohno, 1986.

- Amavisse*. Capa de Cid de Oliveira. São Paulo: Massao Ohno, 1989.
- Alcoólicas*. Xilogravura da capa de Antônio Pádua Rodrigues; ilustrações de Ubirajara Ribeiro. São Paulo: Maison de Vins, 1990.
- Bufólicas*. Capa e desenhos de Jaguar. São Paulo: Massao Ohno, 1992.
- Do desejo*. Capa de João Baptista da Costa Aguiar. Campinas: Pontes, 1992.
- Cantares do sem nome e de partidas*. Capa de Arcangelo Ianelli. São Paulo: Massao Ohno, 1995.
- Do amor*. Capa de Arcangelo Ianelli. Prefácio de Edson Costa Duarte. São Paulo: Edith Arnhold/Massao Ohno, 1999.

Ficção

- Fluxo-floema*. Prefácio de Anatol Rosenfeld. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- Qadós*. Capa de Maria Bonomi. São Paulo: Edart, 1973.
- Ficções*. Capa de Mora Fuentes. Apresentação de Leo Gilson Ribeiro. São Paulo: Quíron, 1977.
- Tu não te moves de ti*. Capa de Mora Fuentes. São Paulo: Cultura, 1980.
- A obscena senhora D*. Capa de Mora Fuentes. São Paulo: Massao Ohno, 1982.
- Com meus olhos de cão e outras novelas*. Capa de Maria Regina Pilla; Desenho da capa de Hilda Hilst. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- O caderno rosa de Lori Lamby*. Ilustrações e capa de Millôr Fernandes. São Paulo: Massao Ohno, 1990.
- Contos d'escárnio. Textos grotescos*. Capa de Pinky Wainer. São Paulo: Siciliano, 1990; 2. ed., São Paulo: Siciliano, 1992.
- Cartas de um sedutor*. Capa de Pinky Wainer. São Paulo: Pauliceia, 1991.

Rútilo nada. Capa de Mora Fuentes e Olga Bilenky. Campinas: Pontes, 1993.

Estar sendo. Ter sido. Capa de Cláudia Lammoglia; Foto da capa de Catherine A. Krulik; Ilustrações de Marcos Gabriel. Prefácio de Clara Silveira Machado. São Paulo: Nankin, 1997; 2. ed., São Paulo: Nankin, 2000.

Cascos e carícias: crônicas reunidas (1992/1995). Capa de Cláudia Lammoglia; Foto da capa de J. Toledo. São Paulo: Nankin, 1998; 2. ed., São Paulo: Nankin, 2000.

Dramaturgia

Teatro reunido. Capa de Olga Bilenky. São Paulo: Nankin, 2000. v. I.

Participação em coletâneas

Aguenta coração. In: COSTA, Flávio Moreira da. *Onze em campo e um banco de primeira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998. pp. 39-40.

Canto Terceiro, XI (*Balada do Festival*). In: CAMPOS, Milton de Godoy (org.). *Antologia poética da Geração de 45*. São Paulo: Clube de Poesia, 1966. pp. 114-5.

Rútilo nada. In: PALLOTINI, Renata (org.). *Anthologie de la poésie brésilienne*. Tradução de Isabel Meyrelles. Paris: Chandeigne, 1998. pp. 373-81.

Gestalt. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. pp. 332-3.

Do desejo (fragmentos), *Alcoólicas* (fragmentos). In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. pp. 289-90, 293-5.

Do desejo (poema XLIX). In: PINTO, José Nêumanne. *Os cem melhores poetas brasileiros do século*. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 230.

Poeti brasiliani contemporanei. Prefácio e seleção de Silvio Castro. Veneza: Centro Internazionale della Grafica di Venezia, 1997. pp. 64-75.

Em parceria

Renina Katz: serigrafias. Poema de Hilda Hilst. São Paulo: Cesar, 1970.

Traduções

Para o francês

Contes sarcastiques – fragments érotiques. Tradução de Maryvonne Lapouge-Petarelli. Paris: Gallimard, 1994.

L'obscène madame D suivi de Le chien. Tradução de Maryvonne Lapouge-Petarelli. Paris: Gallimard, 1997.

Agda (fragmento). *Brasileiras*. Organização de Clélia Pisa e Maryvonne Lapouge-Petarelli. Paris: França, 1977.

Sur ta grande face. Tradução de Michel Riaudel. *Pleine Marge*, Paris, n. 25, pp. 33-51, maio 1997.

Da morte. Odes mínimas/De la mort. Odes minimes. Edição bilíngue. Tradução de Álvaro Faleiros. Ilustrações de Hilda Hilst. São Paulo/Montréal: Nankin/Noroît, 1998.

Para o italiano

Il quaderno rosa di Lori Lamby. Tradução de Adelina Aletti. Milão: Sonzogno, 1992.

Para o espanhol

Rútilo nada. Tradução de Liza Sabater. *De azur*. New York, pp. 49-59, jun./ago. 1994.

Para o inglês

Glittering Nothing. Tradução de David William Foster. In: FERREIRA-PINTO, Cristina (Edited, with an Introduction and Notes). *Urban Voices: Contemporary Short Stories from Brazil*. New York: University Press of America, 1999.

Two Poems. Tradução de Eloah F. Giacomelli. *The Antigoneish Review*, Scotia, n. 20, p. 61, 1975.

Para o alemão

Briefe eines Verführers (*Cartas de um sedutor*, fragmento). Tradução de Mechthild Blumberg. *Stint. Zeitschrift für Literatur*, Bremen, n. 27, ano 15, pp. 28-30, out. 2001.

Funkelndes Nichts (*Rútilo nada*). Tradução de Mechthild Blumberg. *Stint. Zeitschrift für Literatur*, n. 29, ano 15, Bremen, pp. 54-66, ago. 2001.

Vom Tod. Minimale Oden (*Da Morte. Odes Mínimas*) (Odes I, IV, V, VI, VIII, XII, XIX e poemas I e III de “À tua frente. Em vaidade”). Tradução de Curt Meyer-Clason. In: *Modernismo Brasileiro und die brasilianische Lyrik der Gegenwart*. Berlim, 1997.

Bibliografia selecionada sobre Hilda Hilst[1]

Livros e artigos em livros

- BRAGA, Dulce Salles Cunha. *Autores contemporâneos brasileiros: depoimentos de uma época*. São Paulo: Giordano, 1996. pp. 126, 147-248. (Memória)
- BRANCO, Lúcia Castello. A (im)possibilidade da escrita feminina. In: ———. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa Maria/TLC Livros Técnicos Científicos, 1989.
- CASTELLO, José. Hilda Hilst – a maldição de Potlatch. In: *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999. pp. 91-108.
- COELHO, Nelly Novaes. A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst; A metamorfose de nossa época; *Fluxo-floema* e *Qádos*: a busca e a espera. In: ———. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993. pp. 79-101, 210-21.
- . Tendências atuais da literatura feminina no Brasil. In: ———. *Feminino singular: a participação da mulher na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: GRD/Rio Claro: Arquivo Municipal, 1989.
- DUARTE, Edson Costa. A poesia amorosa de Hilda Hilst. In: HILST, Hilda. *Do amor*. São Paulo: Edith Arnhold/Massao Ohno, 1999. pp. 89-95.
- , & MACHADO, Clara Silveira. A vida: uma aventura obscena de tão lúcida. In: HILST, Hilda. *Estar sendo. Ter sido*. São Paulo: Nankin, 1997. pp. 119-24.
- MEDINA, Cremilda. Hilda Hilst. A palavra, braço do abismo à lucidez. In: ———. *A posse da terra: escritor brasileiro hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1985. pp. 237-48.

- MILLIET, Sérgio. 1949-1950. *In:———. Diário crítico*. São Paulo: Martins, s/d., v. 7, pp. 297-8.
- . 1955-1956. *In:———. Diário crítico*. São Paulo: Martins, s/d., v. 10, pp. 57-60.
- QUEIROZ, Vera. *Hilda Hilst: três leituras*. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- RIBEIRO, Leo Gilson. [Apresentação]. *In: HILST, Hilda. Ficções*. São Paulo: Quíron, 1977. pp. IX-XII.
- . Hilda, encantamento místico inigualável. *In: ———. Poemas malditos, gozosos e devotos*. São Paulo: Massao Ohno/ Ismael Guarnelli, 1984. pp. 9-16.
- ROSENFELD, Anatol. Hilda Hilst: poeta, narradora, dramaturga. *In: HILST, Hilda. Fluxo-floema*. São Paulo: Perspectiva, 1970. pp. 10-7.
- . O teatro brasileiro atual. *In: ———. Prismas do teatro*. São Paulo: Perspectiva, Edusp/Campinas: Editora da Unicamp, 1993. pp. 167-8.
- RUSCHEL, Rita. Hilda Hilst. *In: ———. Meus tesouros da juventude*. São Paulo, Summus, 1983. pp. 51-63.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. Ferocidade das fêmeas. *In: Tais superfícies: estética e semiologia*. Rio de Janeiro: Otti Editor, 1998. pp. 49-52.
- SENA, Jorge de. Prefácio. *In: HILST, Hilda. Trovas de muito amor para um amado senhor*. São Paulo: Anhambi, 1960. pp. 5-7.
- . Trovas de muito amor para um amado senhor – Hilda Hilst. *In: Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. pp. 161-2.
- . Palavras de Jorge de Sena (a propósito de *Trovas de muito amor para um amado senhor*). *In: HILST, Hilda. Poesia (1959/1979)*. São Paulo/Brasília: Quíron/INL, 1980. pp. 273-4.
- VINCENZO, Elza Cunha de. O teatro de Hilda Hilst. *In: ———. Um teatro da mulher*. São Paulo: Perspectiva, 1992. pp. 33-8.

Artigos em jornais e periódicos

- ABREU, Caio Fernando. Um pouco acima do insensato mundo. *Leia*, São Paulo, fev. 1986.
- . A festa erótica de Hilda Hilst. *A-Z*, São Paulo, n. 126, 1990.
- . Deus pode ser um flamejante sorvete de cereja – Hilda Hilst. *Leia*, São Paulo, jan. 1987.
- ALBUQUERQUE, Gabriel. Os nomes de Deus. *Suplemento Literário do “Minas Gerais”*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, n. 70, pp. 25-8, abr. 2001.
- ARCO E FLEXA, Jairo. Muita agonia. *Veja*, São Paulo, 7 jan. 1981.
- ARÊAS, Vilma, & WALDMAN, Berta. Hilda Hilst: o excesso em dois registros. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 out. 1989.
- BARROS, André Luiz. Obscena senhora. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 set. 1995.
- BARROS, Benedicto Ferri de. Para o filisteu ler escondido. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 2 fev. 1991.
- BLUMBERG, Mechthild. Entretien avec Hilda Hilst. *Infos Brésil*, Paris, n. 167, mar. 2001.
- BRASIL, Ubiratan. Uma viagem pelas raras palavras de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 out. 2001. Caderno 2.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. O fruto proibido. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 set. 1952.
- CECHELERO, Vicente. Hilda Hilst explora alegorias em texto sobre a morte. *O Estado de S. Paulo*, 16 ago. 1998.
- CICCACIO, Ana Maria. Novembro, mês fértil para Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 13 out. 1989.
- COELHO, Nelly Novaes. *Qadós: a busca e a espera*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 mar. 1974.
- . Hilda Hilst: entre o eterno e o efêmero. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 ago. 1984.

- . A agonia dialética de *A obscena senhora D.* *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 mar. 1983.
- COLI, Jorge. Lori Lamby resgata paraíso perdido da sexualidade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1991.
- . Meditação em imagens. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jun. 1996.
- COMODO, Roberto. O fecho de uma trilogia erótica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 set. 1991.
- D'AMBROSIO, Oscar. O sexo sem metáforas. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 26 out. 1991.
- . Guimarães Rosa encontra seu duplo: Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 jan. 1987.
- ERCILIA, Maria. Cartas de uma senhora obscena; Uma mulher de leitura fácil. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1º set. 1991. Revista D.
- FARIA, Álvaro Alves de. Poesia iluminada de Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 29 nov. 1986.
- . Hilda Hilst, o silêncio estrondoso. *Caros Amigos*. São Paulo, dez. 1998.
- FIORILLO, Marília Pacheco. Para refletir. *Veja*, São Paulo, 16 abr. 1980.
- FOSTER, David William. Hilda Hilst. *Rútilo nada, A obscena senhora D, Qadós*. LYON, Ted (ed.). *Chasqui* (Revista de literatura latinoamericana), Texas, v. XXIII, n. 2, pp. 168-70, nov. 1994.
- FRAGATA, Cláudio. Entre a física e a metafísica, Hilda Hilst. *Globo Ciência*, São Paulo, ago. 1996.
- FUENTES, José Luís Mora. Entre a rameira e a santa. *Cult*, São Paulo, n. 12, pp. 14-5, jul. 1998.
- FURIA, Luíza Mendes. Hilda Hilst percorre o caminho da imortalidade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 maio 1997.
- GIACOMELLI, Eloah F. Hilda Hilst na “jornada pelo interior do país da Mente”. *O Estado de S. Paulo*, 30 out. 1977.

- . The brazilian woman as writer. *Branching Out*, Canadá, v. II, n. 22, mar./abr. 1975.
- GIRON, Luís Antônio. Hilda Hilst: ela foi uma boa menina. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1988.
- GONÇALVES, José Eduardo. O exílio delicado da paixão. *Palavra*. Belo Horizonte, set. 1999.
- GONÇALVES, Delmiro. O sofrido caminho da criação artística segundo Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 ago. 1973.
- GRAIEB, Carlos. Hilda Hilst expõe roteiro do amor sonhado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 ago. 1995.
- GRANDO, Cristiane. Leitura genética do poema “Se tivesse madeira e ilusões”, de Hilda Hilst. *Manuscrita: revista de crítica genética*, São Paulo, mar. 1998.
- . Manuscritos e processos criativos. *Suplemento Literário do “Minas Gerais”*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, n. 70, pp. 22-4, abr. 2001.
- GUAJUME, Silvana. Tormenta de cães e terra. *Correio Popular*, Campinas, 26 out. 1997.
- GUIMARÃES, Elisa. Novelas de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 abr. 1987.
- INSTITUTO Moreira Salles. *HILDA HILST. Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 8, out. 1999.
- JOSEF, Bella. Hilda Hilst: o poeta, a palavra e a morte. *Suplemento Literário do “Minas Gerais”*, Belo Horizonte, 12 dez. 1981.
- . Hilda Hilst: as trevas luminosas da poesia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1986.
- JUNQUEIRA, Ivan. Sete faces da embriaguez. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1992. Ideias/Livros & Ensaios.
- LEITE NETO, Alcino. Hilda Hilst revela poema inédito de Drummond. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1991.
- LEMBO, José Antonio. Um pouco além da sexualidade. Rumo ao obscuro. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 27 out. 1990. Caderno de Sábado.

- LIMA, Mariângela Alves de. Sem pés na terra. *Veja*, São Paulo, 25 abr. 1973.
- LINDON, Mathieu. Hilda Hilst, la mère des sarcasmes. *Libération: Les cahiers livres de Libération/littérature étrangère*, Paris, 17 nov. 1994. p. 6.
- LUIZ, Macksen. Teatro – *As aves da noite*. Voo sem alcance. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 set. 1982.
- LUSVARGHI, Luiza. A literatura é mulher. Feminino plural. *Leia*, São Paulo, Ano XL, n. 135, jan. 1990.
- MACHADO, Álvaro. “Ninguém me leu, mas fui até o fim”, diz Hilda Hilst. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1990.
- MACIEL, Pedro. Sexo, álcool e desilusão. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 set. 1997.
- MARIA, Cleusa. A verdade extrema de Hilda. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 set. 1982.
- MARTINS, Wilson. A provocadora. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1999.
- MASCARO, Sônia de Amorim. Hilda Hilst. Uma conversa emocionada sobre a vida, a morte, o amor e o ato de escrever. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 21 jun. 1986.
- MASSI, Augusto. Singular senhora. *Leia Livros*, São Paulo, out. 1983.
- . Hilda Hilst, “tecelã de um texto total”. *Correio Popular*, Campinas, 5 jun. 1984.
- MAYRINK, Geraldo. Dona da palavra. *Veja*, São Paulo, 21 maio 1997.
- MENDONÇA, Paulo. Teatro – Hilda Hilst. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 4 set. 1968.
- MORAES, Eliane Robert. A obscena senhora Hilst. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 maio 1990. Ideias/Livros.
- MOURA, Diógenes. A clausura de Hilda Hilst. *República*, São Paulo, jun. 1997.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Notas marginais sobre o erotismo: *O caderno rosa de Lori Lamby*. *Travessia*, Florianópolis, n. 22, 1991.

- NASCIMENTO, Paulo César do. Hilda Hilst e Deus: um velho caso de amor. *O Estado de S. Paulo*, 18 jun. 1986.
- NETTO, Cecília Elias. A santa pornográfica. *Correio Popular*, Campinas, 7 fev. 1993.
- OLIVIERI-GODET, Rita, & RIAUDEL, Michel. Hilda Hilst et Adélia Prado – Poèmes. *Pleine Marge: cahiers de littérature, d'arts plastiques et de critique*. Paris, Éditions Peeters-France, 1997.
- . Introduction à *Sur ta grande face*, *Pleine Marge*, Paris, n. 25, maio 1997.
- PÉCORA, Alcir. Não é pornográfica a pornografia de Hilda Hilst. *Correio Popular*, Campinas, 7 nov. 1991.
- . A moral pornográfica. *Suplemento Literário do “Minas Gerais.”* Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, n. 70, pp. 16-9, abr. 2001.
- , & HANSEN, João Adolfo. Tu, minha anta, HH. *Revista USP*, São Paulo, n. 36, 1998.
- PORRO, Alessandro. Hilda Hilst lança novo romance e se diz incompreendida por público e crítica. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 maio 1997.
- QUINLAN, Susan Canty. O exílio fictício em *A obscena senhora D* de Hilda Hilst. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Berkeley, 20(40): 62-8, 1994.
- REALI JÚNIOR. Franceses vibram com Hilda Hilst, a “mãe dos sarcasmos”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 dez. 1994.
- RIAUDEL, Michel. Contes sarcastiques (fragments érotiques). *Infos Brésil*, Paris, n. 96, out. 1984.
- . *L'obscène madame D suivi de “Le chien”*. *Infos Brésil*, Paris, n. 127, pp. 20-1, jul./set. 1997.
- RIBEIRO, Leo Gilson. O vermelho da vida. *Veja*, São Paulo, 24 abr. 1974.
- . Punhal destemido. *Revista Leia*, São Paulo, jan. 1987.
- . Luminosa despedida. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 4 mar. 1989.

- . A morte saudada em versos iluminados. Por Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 18 out. 1980.
- . Os versos de Hilda Hilst integrando a nossa realidade. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 fev. 1981.
- . Mais uma obra de Hilda Hilst. Com todos os superlativos. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 20 nov. 1982.
- . Hilda Hilst, cósmica e atemporal. Em busca de Deus. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 17 jan. 1987.
- RIBEIRO, Rodrigo Petrônio. Passeio pelo mistério. *Bravo!*, São Paulo, set. 1999.
- ROSENFELD, Anatol. O teatro de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 jan. 1969. Suplemento Literário.
- SÁ, Sérgio de. Hilda Hilst. *Correio Braziliense*, Brasília, 15 fev. 1998.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. Sobre a ferocidade das fêmeas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1994.
- SCALZO, Fernanda. Hilda Hilst profissionaliza “bandalheira” em novo livro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 out. 1990.
- . Hilda Hilst vira pornógrafa para se tornar conhecida e vender mais. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 maio 1990.
- SCALZO, Nilo. A certeza de não sair de mãos vazias. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 maio 1984.
- SCHULKE, Evelyn. A vida escrita no feminino. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 7 out. 1978. O Seu Caderno de Programas e Leituras.
- SCWARTZKOPFF, Hella. Perto do coração selvagem. *Aqui*, São Paulo, 10-16 fev. 1971.
- SECRETARIA da Cultura do Estado de Minas Gerais. A escrita- -vertigem de Hilda Hilst. *Suplemento Literário do “Minas Gerais”*, Belo Horizonte, n. 70, abr. 2001.
- SILVEIRA, Helena. As vozes de Hilda Hilst. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 mar. 1973.

- STYCER, Maurício. Hilda Hilst. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16 abr. 1997.
- SUSSEKIND, Flora. Corpo e palavra. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1977.
- TAIAR, Cida. A difícil Hilda Hilst lança o seu 15.º livro. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 23 nov. 1982.
- TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Balada do festival. *Jornal de Letras*, 29 set. 1955.
- THEVENET, Cláudia. Hilda Hilst revê seus livros polêmicos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 jun. 1998.
- VALENÇA, Jurandy. Novas traduções para Hilda Hilst. *Correio Popular*, Campinas, 15 out. 1995.
- VASCONCELOS, Ana Lúcia. Hilda Hilst: a poesia arrumada no caos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19 set. 1977.
- WEINTRAUB, Fabio. Poeta se mantém fiel a temas e imagens. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 ago. 1996.
- WERNECK, Humberto. Hilda se despede da seriedade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1990.
- WILLER, Cláudio. Pacto com o hermético. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1990.
- . A luz especial que brilha nessas odes. *Da Morte. Odes mínimas. IstoÉ*, São Paulo, 15 fev. 1980.
- . O conflito entre a sociedade e o escritor. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 26 maio 1990.
- [Sem assinatura.] Esperando Haydum. *Veja*, São Paulo, 9 dez. 1970.
- . Poetisa tem duas peças em cartaz. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 dez. 1968.
- . O teatro de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, 25 jan. 1969.
- . Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 23 abr. 1974.

Entrevistas e depoimentos

- ARAÚJO, Celso, & FRANCISCO, Severino. Nossa mais sublime galáxia. *Jornal de Brasília*, Brasília, 23 abr. 1989.
- BOJUNGA, Cláudio. Quatro conversas com o mistério Hilda Hilst. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 24 jun. 1972.
- BUENO, Maria Aparecida. Hilda Hilst. In: *Quatro mulheres e um destino* (Hilda Hilst, Fernanda Torres, Fernanda Montenegro e Eliane Duarte). Rio de Janeiro, Uapê, 1996. pp. 18-52. Coleção Arte e Psicanálise.
- CARDOSO, Beatriz. A obscena senhora Hilst. *Interview*, São Paulo, out. 1994.
- CASTELLO, José. Hilda Hilst troca pornô por erotismo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 jun. 1992.
- FURIA, Luíza Mendes. Hilda Hilst percorre o caminho da imortalidade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 maio 1997. Caderno 2.
- HILDA Hilst para virgens: vídeo de Taciana Chiquetti, Hebe Rios e Julyana Troya. Campinas, Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica, nov. 2001.
- MAFRA, Inês, & KARR, Fernando. Hilda Hilst: um coração em segredo. *Nicolau*, Curitiba, n. 51, p. 43, nov./dez. 1993.
- RIBEIRO, Leo Gilson. Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 mar. 1980.
- . Hilda Hilst. *Revista Goodyear*, São Paulo, pp. 46-51, 1989.
- RUSCHEL, Rita. Especial: Hilda Hilst. Disponível em: <<http://www.capitu.com.br/spg/content/capitu/acerv/mpg.asp?referenc=hildahilst>>.
- VALENÇA, Jurandy. Hilda Hilst cria personagem marcante. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1996.
- VÁRIOS autores. Hilda Hilst: fragmentos de uma entrevista. *Pirâmide* (*Revista de Vanguarda, Cultura e Arte*), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, pp. 51-65, 1981.

- . Um diálogo com Hilda Hilst. In: ———. *Feminino singular (A participação da mulher na literatura brasileira contemporânea)*. São Paulo: GRD/Rio Claro: Arquivo Municipal, 1989. pp. 136-60.
- . Das sombras. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 8, out. 1999.
- WEINTRAUB, Fabio; COHN, Sérgio; GORBAN, Ilana, & WEISS, Marina. Os dentes da loucura. *Suplemento Literário do “Minas Gerais”*, Belo Horizonte, n. 70, abr. 2001.
- ZENI, Bruno. Hilda Hilst. *Cult*, São Paulo, n. 12, pp. 6-13, jul. 1998.

Dissertações e teses

- AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. *Holocausto das fadas: a trilogia obscena e o carmelito bufólico de Hilda Hilst*. (Mestrado em Teoria Literária). São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- BORSERO, Cássia Rossana. *A mãe dos sarcasmos*. (Bacharelado em Comunicação Social). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1995.
- CHIARA, Ana Cristina de Rezende. *Leituras malvadas*. (Doutorado em Literatura Brasileira). Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1996.
- GRANDO, Cristiane. *Amavisse de Hilda Hilst. Edição genética e crítica*. (Mestrado em Língua e Literatura Francesa). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1998.
- MACHADO, Clara Silveira. *A escritura delirante em Hilda Hilst*. (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1993.
- MAFRA, Inês da Silva. *Paixões e máscaras: interpretação de três narrativas de Hilda Hilst*. (Mestrado em Literatura Brasileira e Teoria Literária). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.

TODESCHINI, Maria Thereza. *O mito em jogo: um estudo do romance A obscena senhora D*, de Hilda Hilst. (Mestrado em Literatura Brasileira e Teoria Literária). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.

YONAMINE, Marco Antônio. *Arabesco das pulsões: as configurações da sexualidade em A obscena senhora D*, de Hilda Hilst. (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1991.

Cronologia

1930, 21 de abril – Hilda Hilst nasce em Jaú (SP), às 23h45, numa casa da rua Saldanha Marinho. Filha de Bedecilda Vaz Cardoso, imigrante portuguesa, e de Apolônio de Almeida Prado Hilst, fazendeiro de café, escritor e poeta.

1932 – Bedecilda separa-se de Apolônio, mudando-se para Santos (SP) com Hilda e Ruy Vaz Cardoso, filho do primeiro casamento. Instalam-se na avenida Vicente de Carvalho, no 32.

1935 – Cursa o jardim de infância no Instituto Brás Cubas, na cidade de Santos. Em Jaú, Apolônio é diagnosticado esquizofrênico paranoico.

1937 – Ingressa como aluna interna no Colégio Santa Marcelina, em São Paulo (SP), onde cursará o primário e o ginásial.

1944 – Ao concluir o ginásial, passa a morar na residência de Ana Ivanovna, situada à rua Alemanha, no Jardim Europa, em São Paulo.

1945 – Começa o secundário no Instituto Presbiteriano Mackenzie, onde permanece até a conclusão do curso.

1946 – Muda-se para uma casa situada à rua Teixeira de Souza.

1948 – Entra na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo.

1950 – Publica seu primeiro livro de poesia, Presságio.

1951 – Publica seu segundo livro de poesia, Balada de Alzira. É nomeada curadora do pai.

1952 – Recebe o diploma de bacharelado em Direito.

1953 – Trabalha no escritório de advocacia do dr. Abelardo de Souza, em São Paulo.

1954 – Demite-se do escritório e abandona a advocacia. Após viagem à Argentina e ao Chile, muda-se para o apartamento da mãe, no parque Dom Pedro II, em São Paulo.

1955 – Publica Balada do festival (poesia).

1957 – Viagem à Europa. Permanece seis meses em Paris. Ainda na França, conhece Nice e Biarritz. Vai para a Itália (Roma) e Grécia (Atenas e Creta). Voltando ao Brasil, muda-se para apartamento na alameda Santos, no 2384, São Paulo.

1958 – Adoniran Barbosa compõe as canções “Só tenho a ti” e “Quando te achei” a partir de dois poemas da jovem Hilda.

1959 – Publica *Roteiro do silêncio* (poesia).

1960 – Publica *Trovas de muito amor para um amado senhor* (poesia). Viaja para Nova York e Paris. Muda-se para casa no bairro do Sumaré, São Paulo. O músico José Antônio Resende de Almeida Prado, seu primo, compõe a Canção para soprano e piano, a partir de poema desse livro.

1961 – Publica *Ode fragmentária* (poesia). O músico Gilberto Mendes compõe a peça *Trova I*, com base no primeiro poema de *Trovas de muito amor para um amado senhor*.

1962 – Recebe o Prêmio Pen Clube de São Paulo, com a publicação de *Sete cantos do poeta para o anjo*. Frequenta, com intelectuais, o Clube dos Artistas, localizado à rua Sete de Abril.

1965 – Muda-se para a sede da fazenda São José, de propriedade de sua mãe, em Campinas (SP). Inicia a construção de sua casa, próxima à sede.

1966, 24 de setembro – Morte do pai. Na época, Hilda já se transferira para a nova residência, que denominou Casa do Sol, onde viveu até sua morte. A casa será frequentada por artistas de várias áreas.

1967 – Começa a escrever suas peças teatrais. Nesse ano, concluirá *A empresa* (*A possessa*) e *O rato no muro*. Publica *Poesia* (1959/1967).

1968, 10 de setembro – Casa-se com Dante Casarini. Nesse ano, escreve as peças *O visitante*, *Auto da barca de Camiri*, *O novo sistema* e inicia *As aves da noite*. Na praia de Massaguaçu, em Caraguatatuba, no litoral paulista, inicia a construção da casa que denomina Casa da Lua, a qual concluirá no ano seguinte e onde passará algumas temporadas. As peças *O visitante* e *O rato no muro* são encenadas no Teatro Anchieta, em São Paulo, para exame dos alunos da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo.

1969 – Finaliza, na Casa da Lua, *As aves da noite* e escreve *O verdugo* e *A morte do patriarca*, concluindo sua dramaturgia, que, com exceção de *O verdugo*, permaneceria inédita em livro até o ano 2000. Escreve *Ode descontínua e remota para flauta e oboé* (poesia), posteriormente publicada como parte do livro *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. Inicia sua ficção com o texto *O unicórnio*. Recebe o Prêmio Anchieta de Teatro com a peça *O verdugo*. A partir dos poemas de *Pequenos funerais cantantes* para o poeta Carlos Maria de Araújo – incluídos posteriormente em *Poesia (1959-1979)* – o compositor José Antônio Resende de Almeida Prado cria a cantata *Pequenos funerais cantantes* para coro, solistas e orquestra, com a qual conquista primeiro lugar no I Festival de Música da Guanabara.

A peça *O rato no muro* é encenada no Festival de Teatro de Manizales, na Colômbia.

1970 – Publica seu primeiro livro de ficção: *Fluxo-floema*. A peça *O novo sistema* é apresentada no Teatro Veredas, em São Paulo.

1971, 31 de maio – Falecimento de sua mãe.

1972 – Estreia de *O verdugo* em Londrina (pr).

1973 – Lança seu segundo livro de ficção, *Qadós* (título cuja grafia a autora alteraria para *Kadosh*, em 2002). A peça *O verdugo* é apresentada no Teatro Oficina, em São Paulo.

1974 – Publicação de *Júbilo, memória, noviciado da paixão* (poesia).

1977 – Ganha o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (apca), na categoria Melhor Livro do Ano, com *Ficções*.

1980 – Primeira edição de *Da morte. Odes mínimas* (poesia). Publica também *Poesia (1959/1979)* e *Tu não te moves de ti* (ficção). Estreia de *As aves da noite* em São Paulo.

1981 – Ganha, da apca, o Grande Prêmio da Crítica pelo conjunto de sua obra.

1982 – Participa do Programa do Artista Residente, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Lança *A obscena senhora D*.

A peça *As aves da noite* é apresentada no Teatro Senac, no Rio de Janeiro.

1983 – Publica *Cantares de perda e predileção* (poesia).

1984 – Lança Poemas malditos, gozosos e devotos (poesia). A peça O rato no muro é apresentada no Teatro Sesc, em Cascavel (pr). Recebe o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, com Cantares de perda e predileção.

1985, 26 de abril – Divorcia-se de Dante Casarini. Nesse ano, ganha o Prêmio Cassiano Ricardo, do Clube de Poesia de São Paulo, com o livro Poemas malditos, gozosos e devotos.

1986 – Publicação de Sobre tua grande face (poesia) e Com os meus olhos de cão e outras novelas (ficção).

1989 – Lança Amavisse (poesia).

1990 – Publica Alcoólicas (poesia) e os dois primeiros títulos de sua trilogia obscena, O caderno rosa de Lori Lamby e Contos d'escárnio. Textos grotescos.

1991 – Lança Cartas de um sedutor, encerrando sua trilogia obscena. Estreia, em São Paulo, a peça Maria matamoros, adaptação teatral do texto Matamoros, que se encontra no livro Tu não te moves de ti.

1992 – Publica Bufólicas (poesias satíricas) e Do desejo (poesias). Inicia sua colaboração como cronista no Caderno C, do jornal Correio Popular, de Campinas. Tradução para o italiano de O caderno rosa de Lori Lamby.

1993 – Lança Rútilo nada (ficção). Estreia, no Rio de Janeiro, a adaptação teatral de A obscena senhora D.

1994 – Tradução para o francês de Contos d'escárnio. Textos grotescos. Recebe o Prêmio Jabuti por Rútilo nada.

1995 – Seu arquivo pessoal é comprado pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Desliga-se do Correio Popular e encerra suas atividades como cronista. Fim do Programa do Artista Residente. Lança Cantares do sem nome e de partidas (poesia). Estreia, em São Paulo, a adaptação teatral de Cartas de um sedutor.

1996 – O maestro José Antônio Resende de Almeida Prado musica os *Cantares do sem nome e de partidas*, obra com a qual obtém o 1º prêmio no IX Concurso de Composição Francesc Civil, em Girona, na Espanha.

1997 – Publicação, em francês, do volume contendo *A obscena senhora D* e o conto *Com os meus olhos de cão*. Publica *Estar sendo. Ter sido* (ficção) e anuncia seu afastamento do trabalho literário.

O livro é lançado no Teatro Oficina, São Paulo, com leitura dramática de fragmentos, sob a direção de Vadim Nikihu.

1998 – Lançamento de *Cascos e carícias: crônicas reunidas (1992/ 1995)* e reedição de *Da morte. Odes mínimas*, em versão bilíngue português/francês.

1999 – Publica *Do amor* (poemas escolhidos). Estreia, em São Paulo, a adaptação teatral de *O caderno rosa* de Lori Lamby. Ganha sua primeira página na internet (<http://www.hildahilst.cjb.net>).

2000 – Lança *Teatro reunido* (volume I). Estreia, em Brasília, a adaptação teatral de *Cartas de um sedutor*. Estreia, na Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio de Janeiro, o espetáculo *HH informe-se*, reunião e adaptação teatral de textos da autora sob a direção de Ana Kfourri. Inauguração, em dezembro, da Exposição *Hilda Hilst 70 anos*, evento organizado pela arquiteta Gisela Magalhães no Sesc Pompeia, em São Paulo.

2001 – Estreia, no Rio de Janeiro, a adaptação teatral de *Cartas de um sedutor*. A Editora Globo passa a ser responsável por toda a sua obra publicada até o momento, respeitando-se os prazos de contratos ainda vigentes com outras editoras.

2002 – Recebe, da Fundação Bunge, o Prêmio Moinho Santista pelo conjunto de sua obra poética. Ganha, da apca, o Grande Prêmio da Crítica pela reedição de sua obra pela Editora Globo.

Setembro: No Teatro Noel Rosa (UERJ), a diretora Ana Kfourri, à frente da Companhia Teatral do Movimento (CTM), estreia o espetáculo *Fluxo*, baseada no livro *Fluxo-floema*, de Hilda Hilst.

2003 – A editora Campo das Letras, da cidade do Porto, adquire os direitos de publicação em Portugal de *Cartas de um sedutor*.

2004 – Falece, no Hospital das Clínicas da Unicamp, na madrugada do dia 4 de fevereiro. É sepultada, na mesma data, no Cemitério das Aléias, em Campinas (SP).

Junho: Estreia em Porto Alegre a peça *Hilda Hilst in claustro*, com o grupo Depósito de Teatro, sob direção de Roberto Oliveira, no Hospital Psiquiátrico São Pedro.

2005 – Março: A poeta e cantora Beatriz Azevedo organiza no Sesc Pinheiros, na cidade de São Paulo, o evento *Palavra viva – Hilda Hilst*, composto por leituras dramáticas de textos da autora e conferências a cargo de críticos especializados.

Abril: O Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio, inaugura a exposição *O caderno rosa de Lori Lamby*, com manuscritos, fotos, desenhos, cartas de Hilda Hilst, entre outros itens, com curadoria de Cristiane Grandó.

A Companhia Teatro Transitório, dirigida por Moacir Ferraz, encena adaptação do conto *Agda* no Festival de Teatro de Curitiba.

[1] Fontes suplementares das bibliografias: Instituto Moreira Salles. HILDA HILST. Cadernos de Literatura Brasileira, São Paulo, nº 8, out. 1999. YONAMINE, Marco Antônio. Arabesco das pulsões: as configurações da sexualidade em *A obscena senhora D*, de Hilda Hilst. (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1991.

Hilda Hilst



BALADAS

